



## MULHERES SERINGUEIRAS E PATRIMÔNIO CULTURAL NA AMAZÔNIA ACREANA: MEMÓRIA, TRABALHO E PROTAGONISMO FEMININO NOS SERINGAIS

SOARES, Jéssica Duarte da Silva <sup>1</sup>

NUNES, Eduardo Silveira Netto <sup>2</sup>

### RESUMO:

A história da Amazônia, especialmente do estado do Acre, está profundamente relacionada à formação dos seringais e ao desenvolvimento da economia da borracha entre os séculos XIX e XX. Nesse contexto, a historiografia tradicional privilegiou majoritariamente a figura masculina do seringueiro como sujeito central do processo histórico, contribuindo para a invisibilização da presença e da participação das mulheres na construção social, econômica e cultural dos territórios da floresta. Este trabalho tem como objetivo discutir o papel das mulheres seringueiras como sujeitas históricas e compreender suas experiências como parte constitutiva do patrimônio cultural e social da Amazônia acreana. A pesquisa baseia-se em revisão bibliográfica de estudos que abordam o cotidiano dos seringais, as relações de gênero e a participação feminina nas atividades extrativistas, produtivas e comunitárias, além de dialogar com reflexões teóricas sobre memória, patrimônio e história social. A partir dessas discussões, busca-se compreender como os saberes, práticas e experiências das mulheres nos seringais constituem formas de patrimônio cultural imaterial, ainda pouco reconhecidas pelas narrativas históricas tradicionais. Os resultados indicam que as mulheres desempenharam múltiplas funções no universo do seringal, atuando na coleta do látex, nas atividades agrícolas de subsistência, no cuidado com a família e na organização comunitária. Além disso, participaram de processos de mobilização social e política, incluindo a atuação em movimentos sindicais e na defesa dos territórios da floresta. Apesar dessa presença constante e significativa, suas trajetórias foram historicamente silenciadas ou secundarizadas pela historiografia. Ao considerar as memórias, experiências e práticas dessas mulheres como parte do patrimônio cultural da região, torna-se possível ampliar a compreensão sobre a formação social da Amazônia e reconhecer o protagonismo de sujeitos historicamente marginalizados na construção das sociedades da floresta.

**PALAVRAS-CHAVE:** patrimônio cultural; mulheres seringueiras; Amazônia; memória; história social.

### 1 INTRODUÇÃO

<sup>1</sup> Graduando em Licenciatura em História, Bolsista PIBID História, Universidade Federal do Acre, Campus Rio Branco, [jessica.duarte@sou.ufac.br](mailto:jessica.duarte@sou.ufac.br)

<sup>2</sup> Professor coordenador: Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo, Mestre em História na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Bacharel em História (USP), Licenciado em História e Pedagogia. É bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade de Passo Fundo (UPF), [eduardo.nunes@ufac.br](mailto:eduardo.nunes@ufac.br)



A formação histórica da Amazônia está profundamente vinculada às dinâmicas de exploração dos recursos naturais da floresta, entre as quais se destaca a economia da borracha, responsável pela organização social e territorial dos seringais entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. No estado do Acre, esse processo marcou profundamente a constituição das comunidades da floresta e a construção das identidades sociais relacionadas ao trabalho extrativista. A expansão da economia gomífera não apenas impulsionou fluxos migratórios e reorganizou territórios, como também estabeleceu formas específicas de sociabilidade, trabalho e convivência nas áreas de floresta.

Durante muito tempo, a historiografia sobre os seringais privilegiou narrativas centradas na figura masculina do seringueiro, frequentemente representado como o principal agente da produção econômica e da ocupação da região. Essa perspectiva acabou por invisibilizar a presença e o protagonismo das mulheres, que participaram ativamente da vida nos seringais e desempenharam funções essenciais para a manutenção das famílias e das comunidades (ALVES DE PAULA, 2015). A centralidade masculina nas narrativas históricas contribuiu para que diversas experiências femininas permanecessem à margem da memória social sobre a formação dos territórios extrativistas da Amazônia.

Entretanto, pesquisas recentes têm demonstrado que o cotidiano dos seringais era estruturado a partir de uma complexa rede de relações sociais e de trabalho, na qual as mulheres assumiam papéis fundamentais. Além de colaborarem na coleta do látex, elas também se dedicavam às atividades agrícolas, ao cuidado com os filhos e à organização da vida doméstica e comunitária, contribuindo diretamente para a reprodução social das populações extrativistas (ALVES DE PAULA, 2015). Em muitos casos, as mulheres também participaram da circulação de produtos agrícolas, da gestão da produção familiar e da transmissão de conhecimentos relacionados ao uso da terra e da floresta.

Nesse sentido, a presença feminina nos seringais revela a existência de saberes e práticas sociais que foram fundamentais para a sustentabilidade das comunidades da floresta. Essas experiências envolvem conhecimentos sobre cultivo, alimentação, medicina tradicional, cuidado coletivo e organização da vida cotidiana, constituindo um conjunto de práticas culturais transmitidas entre gerações. Tais práticas configuram formas importantes de patrimônio cultural imaterial, uma vez que



expressam modos de vida e experiências históricas construídas no interior das comunidades amazônicas.

Ao discutir patrimônio cultural, é necessário compreender que ele não se limita apenas a monumentos, edifícios ou objetos materiais. O patrimônio também inclui saberes, memórias, tradições e práticas sociais que compõem a experiência histórica de diferentes grupos sociais. Nesse sentido, a memória coletiva desempenha papel fundamental na preservação e na transmissão dessas experiências ao longo do tempo. Conforme destaca Le Goff (1990), a memória constitui um elemento central na construção das identidades coletivas e na forma como as sociedades elaboram e interpretam seu próprio passado.

A partir dessa perspectiva, reconhecer as trajetórias das mulheres seringueiras significa ampliar o entendimento sobre o patrimônio cultural da Amazônia e valorizar experiências historicamente invisibilizadas. Ao considerar suas memórias, práticas e saberes como parte constitutiva da história regional, torna-se possível construir interpretações mais amplas sobre a formação das comunidades da floresta e sobre os sujeitos que participaram da construção desses territórios.

Assim, este trabalho busca refletir sobre o papel das mulheres seringueiras na história da Amazônia acreana e discutir de que maneira suas trajetórias podem ser compreendidas como parte do patrimônio cultural e social da região, contribuindo para o reconhecimento do protagonismo feminino na formação histórica das sociedades amazônicas.

## **2 METODOLOGIA**

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa, desenvolvido a partir de revisão bibliográfica de produções acadêmicas que abordam a história social dos seringais, as relações de gênero na Amazônia e a participação das mulheres nos contextos extrativistas. A abordagem qualitativa permite compreender processos históricos e sociais a partir da interpretação de narrativas, experiências e práticas culturais, possibilitando analisar os significados atribuídos pelos sujeitos às suas trajetórias e vivências (MINAYO, 2007).

Para o desenvolvimento do estudo, foram utilizadas obras e pesquisas que discutem a presença feminina nos seringais acreanos, com destaque para o trabalho de Ângela Maria Alves de Paula (2023), que analisa as experiências históricas de mulheres seringueiras no Acre, e para o estudo de Carlos Alberto Alves de Souza



(2008), que discute o trabalho, o cotidiano e as experiências das mulheres nas comunidades extrativistas da Amazônia. Também foram considerados estudos que dialogam com as reflexões sobre memória social e patrimônio cultural, como as contribuições de Jacques Le Goff (1990), que discute a relação entre memória coletiva e construção das identidades sociais.

O levantamento bibliográfico foi realizado a partir dessas obras e de pesquisas acadêmicas que tratam da presença feminina nos seringais acreanos, bem como de estudos voltados à discussão sobre memória social, patrimônio cultural e história das populações da floresta, como o trabalho de Jardel Silva França (2021), que aborda o protagonismo feminino na Amazônia acreana. Esse procedimento permitiu identificar diferentes interpretações sobre o cotidiano das comunidades extrativistas e compreender como as mulheres participaram da organização social, econômica e cultural dos seringais.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A análise das pesquisas sobre os seringais amazônicos evidencia que a presença feminina foi fundamental para a manutenção da vida social, econômica e cultural dessas comunidades. Durante muito tempo, a historiografia privilegiou a figura masculina do seringueiro como principal sujeito da produção da borracha, o que contribuiu para invisibilizar a participação das mulheres na organização da vida cotidiana dos seringais. No entanto, estudos mais recentes demonstram que o funcionamento dessas comunidades dependia de uma complexa divisão de trabalho, na qual as mulheres desempenhavam papéis essenciais para a reprodução social das famílias e para a manutenção das atividades extrativistas.

Pesquisas sobre o cotidiano dos seringais indicam que as mulheres participavam de diversas atividades ligadas à economia da borracha. Em muitos casos, colaboravam no corte da seringa, na coleta do látex e no processo de defumação da borracha, atividades frequentemente associadas ao trabalho masculino. Ao mesmo tempo, também eram responsáveis pelo cultivo dos roçados, pela produção de alimentos, pelo cuidado com os filhos e pela organização da vida doméstica. Essa multiplicidade de funções evidencia que o trabalho feminino era indispensável para a sobrevivência das famílias seringueiras e para a manutenção das atividades extrativistas na floresta (ALVES DE PAULA, 2015).



A invisibilização dessas experiências femininas também está relacionada a processos históricos mais amplos que, ao longo do tempo, contribuíram para o silenciamento das mulheres em diferentes espaços sociais. Ao refletir sobre essa questão, Alves de Paula (2015) destaca que o silêncio imposto às mulheres é resultado de estruturas sociais e culturais que, historicamente, limitaram sua participação pública e sua visibilidade nas narrativas históricas. Nesse sentido, a autora afirma que:

O silêncio é algo intrínseco, é um mandamento que permeia longas datas, sendo reiterado através dos séculos, as religiões, os sistemas políticos, as normas e os costumes estabelecidos pela sociedade, a qual infere que mulheres devem ser “comportadas”. Comportadas ou silenciadas? Desde a antiguidade as mulheres deveriam permanecer caladas na igreja ou no templo; maior rigidez ainda nas mesquitas e sinagogas, nas quais mulheres não tinham permissão para participar das orações. Nos espaços públicos, ainda hoje, uma vez ou outra, falas de mulheres são silenciadas, por vezes caracterizando-as como “históricas”, como grito, pois não fariam, apenas gritariam, sendo desqualificadas como falas de “desocupadas”. (ALVES DE PAULA, 2015, p. 34).

Esse processo histórico de silenciamento contribuiu para que as experiências femininas fossem frequentemente marginalizadas nas narrativas históricas tradicionais. No contexto dos seringais amazônicos, essa dinâmica também se manifesta na forma como a historiografia privilegiou a figura masculina do trabalhador da borracha, relegando a segundo plano a participação das mulheres na organização da vida social e econômica das comunidades da floresta.

Nesse sentido, estudos sobre o cotidiano dos seringais também evidenciam a capacidade das mulheres seringueiras de construir estratégias de resistência e afirmação dentro do universo do trabalho extrativista. Como destaca Souza (2008):

Daí a importância de vermos as mulheres seringueiras articulando suas vidas em diversos momentos no cotidiano do seringal. A colocação da seringa na reserva extrativista, porque as mulheres seringueiras desde o início da sua formação na região acreana seguem os seus caminhos, construindo identidades próprias, conquistando o respeito da sociedade local, dos companheiros, dos filhos, sabendo driblar com sutileza e com artimanha as formas de dominação a elas impostas. Primeiro disseram que elas não serviam para o trabalho da seringa, então foram capazes de enfrentar a floresta e demonstrar que o mundo



do seringal também era espaço de mulher. As mulheres seringueiras foram capazes de demonstrar aos seus parceiros que também seriam capazes de enfrentar o corte da seringa e de contribuir com a renda, enfrentando os perigos e os mistérios da mata. A mulher seringueira também foi capaz de gerar laços de solidariedade em viver de seringal, acompanhando os maridos nos passeios, nos adjuntos e nas festas. Essa mulher também foi capaz de ser solidária com os amigos, alfabetizando aqueles que jamais entraram na escola. Também foi capaz de deixar de amar os maridos quando não havia mais saída para uma convivência, fugindo muitas vezes com outros homens seringueiros em busca de vida. Também tiveram coragem com os maridos e com os filhos de enfrentar as motosserras dos fazendeiros e as artimanhas da polícia nos empates. (SOUZA, 2008, p. 73).

Essa dinâmica demonstra que a organização social dos seringais se estruturava a partir de relações de cooperação entre os membros da família, nas quais homens e mulheres compartilhavam responsabilidades relacionadas ao trabalho e à sobrevivência na floresta.

Além das atividades produtivas, as mulheres também desempenhavam um papel fundamental na manutenção das redes sociais e culturais das comunidades da floresta. Muitas atuavam como parteiras, rezadeiras e conhecedoras de práticas tradicionais de cuidado e cura, sendo responsáveis pela transmissão de saberes relacionados ao uso de plantas medicinais e aos cuidados com a saúde. Esses conhecimentos, transmitidos entre gerações, constituem um importante elemento da cultura das populações amazônicas e fazem parte dos saberes tradicionais que compõem o patrimônio cultural das comunidades da floresta.

Outro aspecto relevante refere-se à participação feminina em processos de organização social e política. Ao longo do século XX, mulheres seringueiras também estiveram presentes em associações comunitárias, sindicatos rurais e movimentos sociais ligados à defesa dos territórios da floresta. Embora muitas vezes sua atuação tenha sido menos visibilizada que a dos líderes masculinos, sua participação foi fundamental para a articulação das comunidades e para a construção de estratégias coletivas de resistência diante das pressões externas sobre os territórios amazônicos.

Essas experiências demonstram que as mulheres não foram apenas coadjuvantes na história dos seringais, mas protagonistas de processos sociais fundamentais para a construção e manutenção das comunidades da floresta. No entanto, suas trajetórias foram frequentemente marginalizadas pela historiografia



tradicional, que privilegiou narrativas centradas na figura masculina do trabalhador da borracha.

Nesse sentido, recuperar as histórias das mulheres seringueiras também significa reconhecer que suas experiências constituem parte fundamental do patrimônio cultural da Amazônia. Suas práticas cotidianas, saberes tradicionais, formas de organização social e experiências de trabalho integram a memória coletiva das populações da floresta. Como destaca Le Goff (1990), a memória constitui um elemento central na preservação das experiências históricas dos grupos sociais e na construção das identidades coletivas.

Assim, compreender as trajetórias das mulheres seringueiras como parte do patrimônio cultural amazônico implica reconhecer que o patrimônio não se restringe apenas a bens materiais, mas inclui também práticas sociais, saberes tradicionais e modos de vida construídos historicamente pelas populações da floresta.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A reflexão desenvolvida ao longo deste trabalho buscou evidenciar a importância da presença e da atuação das mulheres seringueiras na construção histórica e social das comunidades da floresta amazônica, especialmente no contexto do estado do Acre. Ao analisar estudos que abordam o cotidiano dos seringais e as relações de gênero nesses territórios, foi possível perceber que as mulheres desempenharam um papel fundamental na manutenção da vida social, econômica e cultural das populações extrativistas.

Embora a historiografia tradicional tenha privilegiado narrativas centradas na figura masculina do seringueiro, as pesquisas analisadas demonstram que as mulheres estiveram presentes em diversas dimensões da vida nos seringais. Além de participarem das atividades relacionadas à produção da borracha, elas também foram responsáveis por tarefas essenciais para a organização da vida cotidiana, como o cultivo de alimentos, o cuidado com a família e a transmissão de saberes tradicionais. Dessa forma, suas experiências revelam a existência de práticas sociais e culturais que foram fundamentais para a reprodução social das comunidades da floresta.

Outro aspecto importante refere-se ao papel das mulheres na preservação e transmissão de conhecimentos relacionados ao território, à saúde e ao uso dos recursos naturais. Esses saberes, muitas vezes transmitidos por meio da oralidade e da prática cotidiana, constituem parte significativa da cultura das populações amazônicas e revelam formas específicas de relação com a floresta e com o ambiente.



Nesse sentido, compreender essas práticas como parte do patrimônio cultural permite ampliar a noção de patrimônio, incorporando experiências sociais e modos de vida que historicamente permaneceram à margem das narrativas oficiais.

Assim, reconhecer a trajetória das mulheres seringueiras como parte do patrimônio cultural da Amazônia significa valorizar suas memórias, seus saberes e suas formas de organização social. Ao trazer essas experiências para o campo da história e do patrimônio, torna-se possível construir interpretações mais amplas sobre a formação das comunidades da floresta e sobre os sujeitos que participaram da construção desses territórios. Desse modo, o reconhecimento do protagonismo feminino contribui para ampliar a compreensão da história amazônica e para fortalecer perspectivas historiográficas que valorizem a diversidade de experiências e sujeitos que compõem a memória social da região.

## 5 AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), da Universidade Federal do Acre (UFAC).

Ao final deste trabalho, expresso minha sincera gratidão às pessoas que, de diferentes maneiras, caminharam comigo durante essa trajetória e contribuíram para minha formação acadêmica e pessoal. Agradeço à minha colega de sala Raíssa Tojal e ao meu amigo Alexandre Damasceno, por estarem ao meu lado nessa jornada pibidiana e acadêmica, compartilhando desafios, aprendizados e sempre se dispondo a ajudar ao longo desse percurso.

Ao meu professor e coordenador Eduardo Nunnes, cuja orientação e presença foram fundamentais para a ressignificação do meu eu como futura historiadora, contribuindo de maneira significativa para minha formação e para a construção da minha identidade acadêmica.

À minha mãe, Geruza Duarte, e à minha tia, Maria Duarte, que são pilares na minha vida. Sem elas eu não seria a mulher sonhadora, persistente e forte que sou hoje. Tudo o que sou e busco ser é reflexo do que elas representam e de tudo o que diariamente me ensinam. Ao meu primo Bruno Duarte, que considero como um irmão



mais velho, por sempre me proporcionar ajuda, incentivo e apoio em diferentes momentos da minha vida acadêmica.

Aos meus grupos de dança Saturno e KDance CIA, que me apoiam e me permitem unir duas dimensões muito importantes da minha vida: a história e a arte, tornando possível mesclar essas expressões no meu cotidiano.

E, por fim, mas não menos importante, ao meu namorado Mayllon Piucco, que me encorajou a adentrar e permanecer nessa área que hoje se tornou uma das melhores partes da minha vida. Seu apoio, incentivo e confiança foram essenciais para que eu seguisse acreditando nesse caminho.

A todos vocês, minha profunda gratidão por fazerem parte dessa caminhada e por contribuírem para a pessoa e a historiadora que estou me tornando.

## REFERÊNCIAS

FRANÇA, Jardel Silva. **Aquirianas: o protagonismo feminino na floresta acriana.** *Das Amazônias*, Rio Branco, v. 4, n. 1, p. 210-214, jan./jul. 2021.

PAULA, Ângela Maria Alves de. **Mulheres da floresta na Amazônia brasileira: a experiência de mulheres seringueiras do Acre (1950–2023) e o ensino de história.** 2023. Dissertação Mestrado Profissional em Ensino de História – Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2023.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

SOUZA, Carlos Alberto Alves de. **Mulheres seringueiras: trabalho, cotidiano e experiências na floresta.** Rio Branco: EDUFAC, 2008.